

ANDREA V ZANELLA



POEM 1 AS

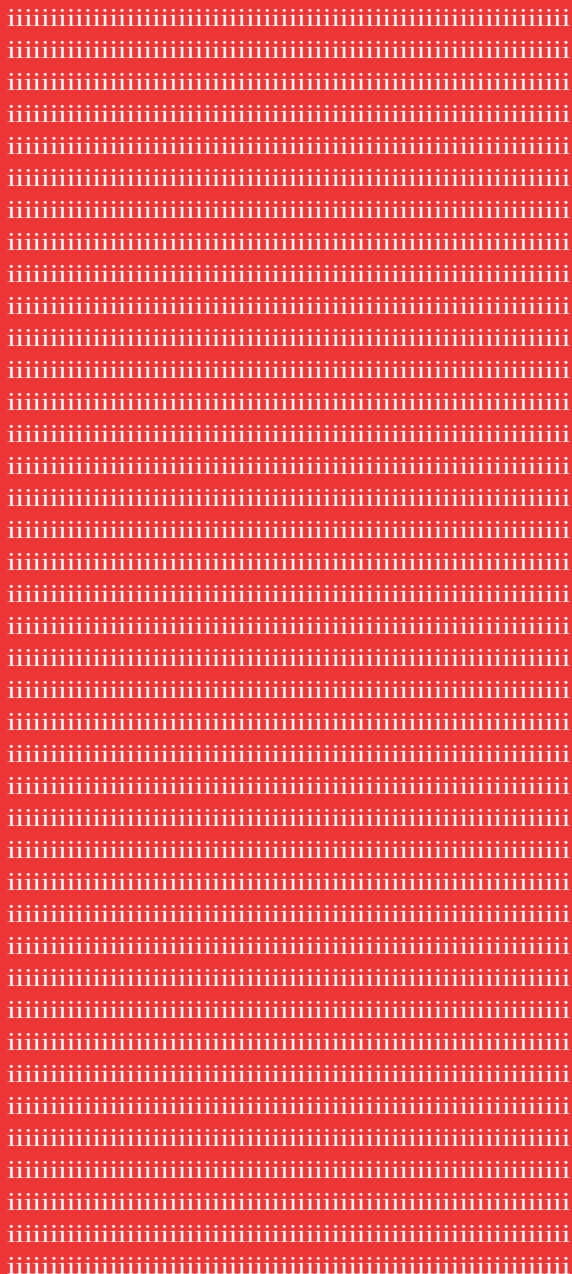
CAIS







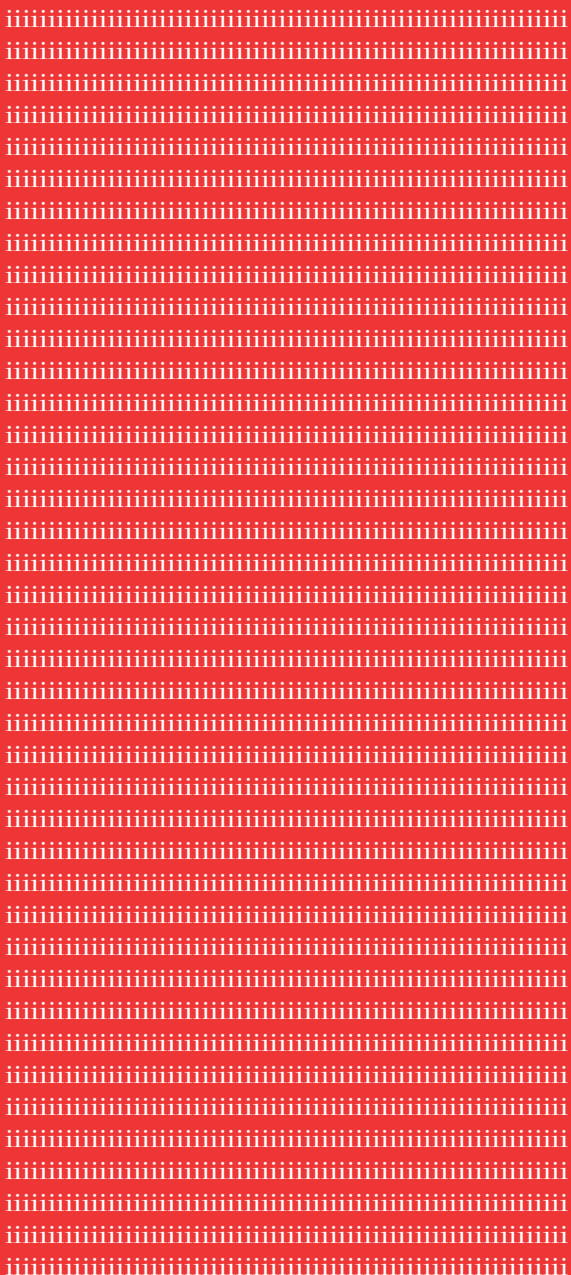












- Chatterjee, S. K. (1978). *Generalized linear hypothesis testing for linear models*. New York: Academic Press.
- Chatterjee, S. K. (1983). *Generalized linear hypothesis testing for linear models: A rejoinder*. *Journal of the Royal Statistical Society B*, 45, 159–162.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1975). *Regression analysis by methods of least squares*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1984). *Linear models and data analysis*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1985). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1986). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1987). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1988). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1989). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1990). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1991). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1992). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1993). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1994). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1995). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1996). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1997). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1998). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (1999). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2000). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2001). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2002). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2003). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2004). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2005). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2006). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2007). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2008). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2009). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2010). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2011). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2012). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2013). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2014). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2015). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2016). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2017). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2018). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2019). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2020). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2021). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2022). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2023). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2024). *Biometrical methods*. Wiley: New York.
- Chatterjee, S. K. and Bhattacharyya, K. N. (2025). *Biometrical methods*. Wiley: New York.







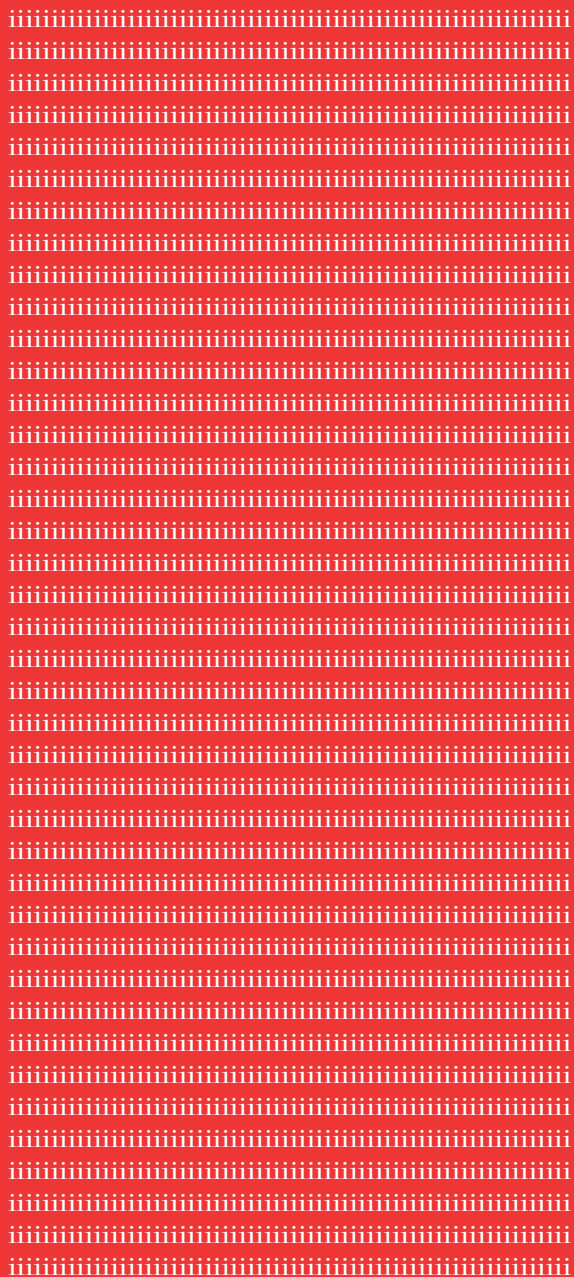








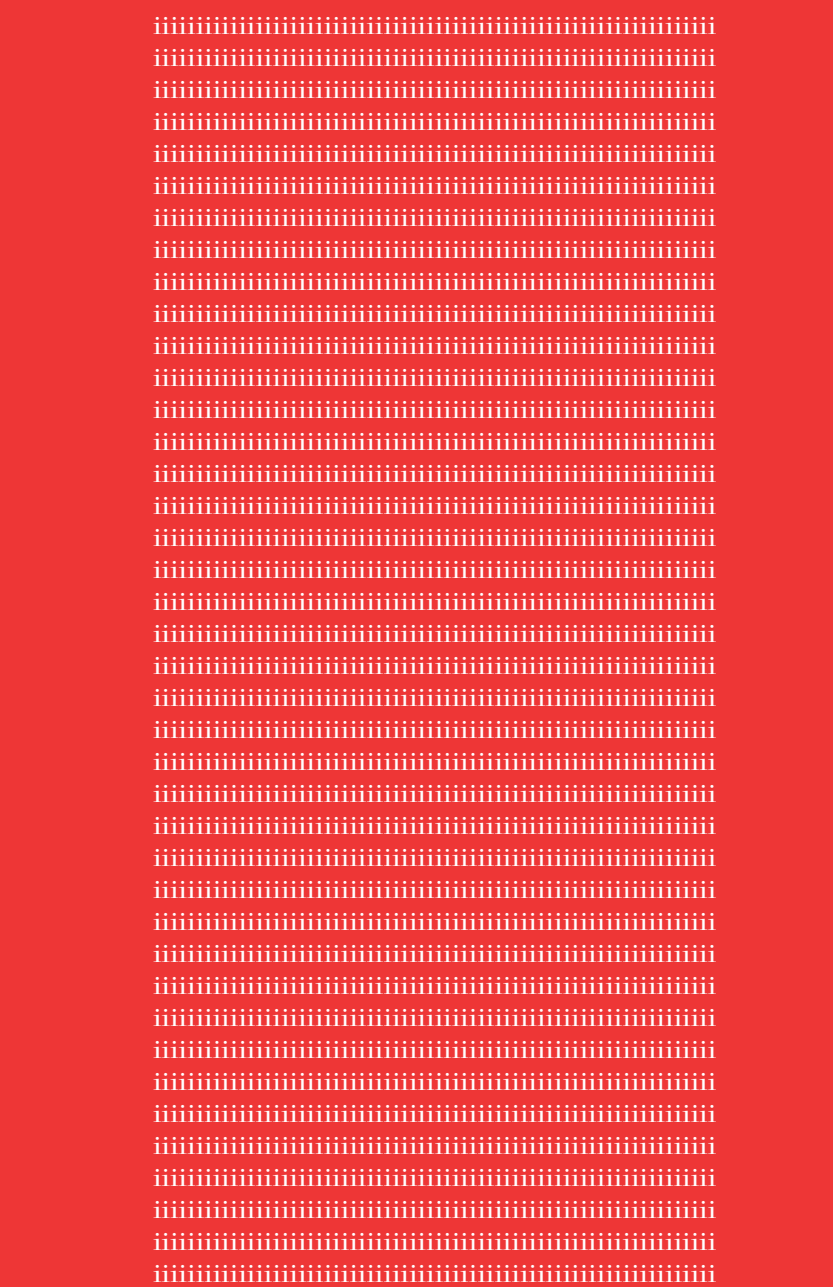














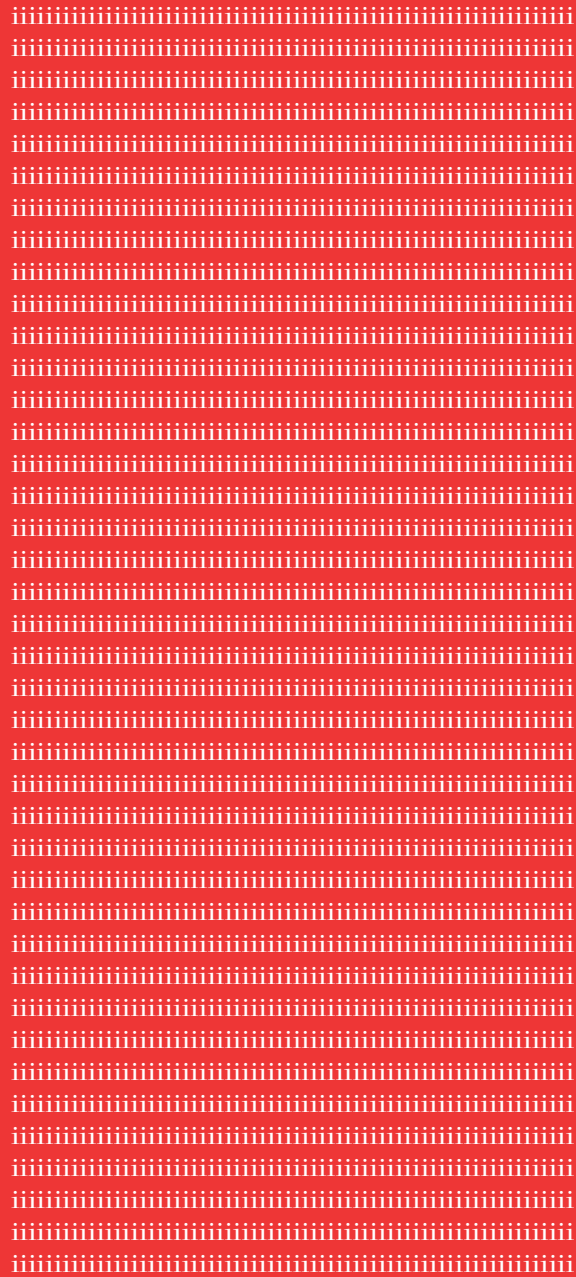
















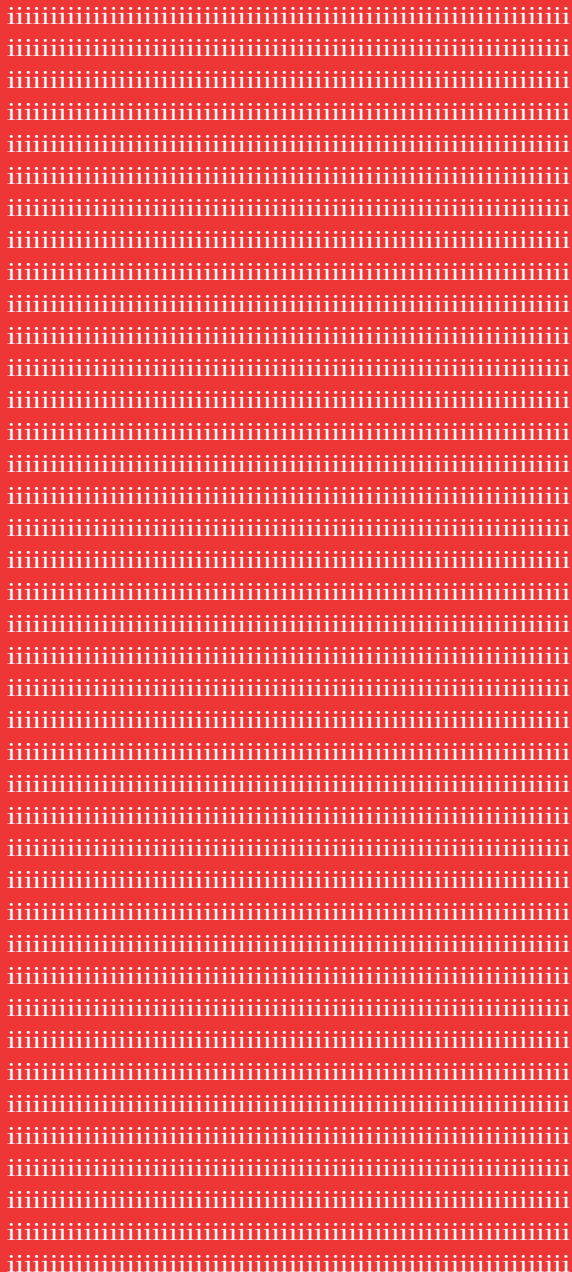






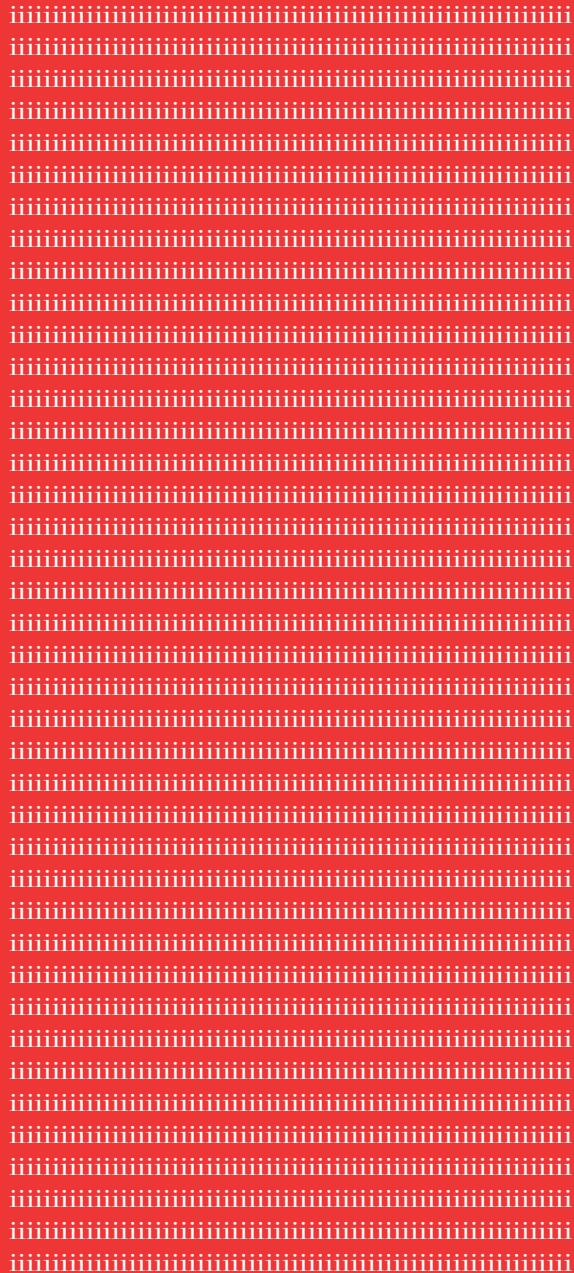














Em 08/08/2020 o Brasil registrou oficialmente  
100.240 óbitos por Covid-19.

A tragédia decorrente da necropolítica vigente  
no país resultou, até essa data, em mais de 100  
milhares de vidas tolhidas pela pandemia.

Descaso, negação, incompetência, imprudência,  
insensatez, corrupção...

As i-velas aqui acesas rendem homenagem  
a essas pessoas e a tantas outras milhares de  
vidas que sequer foram consideradas dignas de  
constar nas estatísticas oficiais.

Infelizmente esses números não pararam de  
crescer nas semanas e meses seguintes...



ANDREA V ZANELLA

i  
POEMAS

2020

CAIS  
EDITORA

11	<b>Corpo Vão</b>
22	<b>Contágio</b>
33	<b>Corpos em pandemia</b>
33	<b>Vem</b>
33	<b>Ritornello</b>
33	<b>Fio</b>
33	<b>SobreViver</b>
33	<b>Sobre corpo, espírito e além</b>
33	<b>A-manhãs (1)</b>
33	<b>A-manhãs (2)</b>
33	<b>Importências</b>
33	<b>Sobre Poemias</b>
33	<b>Poemias</b>

**QUANTO  
RISCO  
O RISCO  
TEM?**

# CORPO VÃO

Corpo

Cor

Pó

Pouco

Raso

Rua

Roda

Reta

Terra

Rato

Tolo

Louco

Chão

Luxação

Luxo vão

Vozes soltas

Gritos roucos

Sonhos poucos

Vidas rotas

Rotas tortas

Tempo vão

Vão-se lidas

Pelo ralo das certezas

Vão-se esperas

No compasso lento dos dias

Vãos, veios, seixos

Sinto o corpo esvair-se

Deslocar-se para um outro plano

Que não sei o que é, onde fica, o que será

Corpo vão, poeira, chão, ralo, raso, reta, curva, pouco, pó, corpo, cura...



# CONTÁGIO

Contágio.  
Tempo.  
Estendido.  
Extensão.

Distâncias apagadas,  
Distâncias aumentadas.  
Distâncias.

Contágio estende tempo.

Contatos estendidos em tempos de contágio:

Eu e eu  
Eu e a casa  
Eu e os bichos  
Eu e as plantas  
Eu e outras...  
    ...imagens  
    ...palavras escritas  
    ...imaginadas  
    ...inventadas

Contatos evitados em tempos de contágio:

Eu e amigos  
Eu e amores  
Eu e paixões possíveis  
Eu e a rua  
Eu e a cidade  
Eu e o consumo...

...de coisas  
...de outros  
...de distâncias  
...de tempo  
...de ideias  
...de vento  
...de sal  
...de luz  
...de sol  
...de poeira  
...de conversa  
...de bebida acompanhada  
...de afeto  
...de abraços  
...de insultos  
...de excessos

Contágio contrai tempo:

...de vida  
...de futuro  
...de encontros  
...de espera  
...de reparos  
...de esperança  
...de despedidas

Contágio.  
Tempo.  
Contraír-se.  
Contração.

# CORPOS EM PANDEMIA

Descartável  
Dispensável  
Desprezível

Vidas fugazes  
Efêmeras  
Corpos velados  
Mortes não veladas

Lixo  
Excreção  
Fragilidade  
Flagelação

Corpos plurais  
Corpos iguais  
Corpos cansados  
Desprezados

Corpos temidos

Desamparo  
Vidas em risco  
Riscos diversos  
Jorros de vida

Ralos entupidos  
Veias entupidas  
Gargantas obstruídas  
Ares faltantes  
Aparelhos distantes



Senhores distintos  
Em carros reluzentes  
Clamando vidas vividas  
Negando vidas perdidas

Alguns corpos importam  
Algumas vidas se vão  
Vãs são as palavras  
Que minimizam esforços  
Que negam as lutas  
Que obstruem as lides

Corpos se vão  
Em sacos escuros  
Em valas barrentas  
Sem rastros, sem rumo

Corpos anônimos  
Desimportantes  
Desprezados  
Desprezíveis

Restos

Lugares assépticos  
Corpos tampados  
Reclusos  
Distantes

Saudades

De abraços  
De corpos presentes  
De corpos cansados  
De vida vivida.

**O**

**QUE**

**RESTA**

**NO CORPO**

**QUE CAI?**

# VEM

Impaciência  
Vontade de sair  
Vontade de explodir.

O corpo sente o peso do que não foi perdido,  
Acumula os restos do consumo em excesso.

Vontade de sair.

A rua chama, o sol arde, o tempo pulsa:  
Vem...vem...vem...vem...

A reclusão persiste, limita, impede, impele  
Provoca o choro, produz inquietação, enrijece as dobras, desfalece os  
ânimos, rasura a alma.

A noite vem, a lua brilha, a chuva cai. E a rua chama:  
Vem...vem...vem...vem...

O dia nasce, a cama expulsa, a casa convoca, as notícias persistem: corpos  
largados, covas abertas, caixões faltantes, doentes sem leitos, parentes  
perdidos, esperanças vãs.

Reclusão.  
A alma aquieta.  
Isolamento necessário  
Ciência do drama.

E a rua clama:  
Vem...vem...vem...vem...

# RITORNELLO

Morte  
Tristeza  
A Casa do Rio Vermelho

Covas  
Covas  
Covas

Corpos caídos, distanciados, em filas, largados  
Corpos transformados em arte, em bichos, corpos movimentos, corpos  
sons

Arte na areia, pedras recolhidas pelo artista entremeadas com traços raste-  
lados nos finos grãos de areia

Visito lugares variados via televisão, visitados em situações de alegria e os  
descubro encobertos por uma bruma de abandono, tristeza e solidão.

Passeio pelo Rio e Sampa dos anos 60 e 70 com as histórias da bossa  
nova, da tropicália e dos festivais de música.

Passeio pela Beagá e o Clube da Esquina com as experimentações musi-  
cais de Bituca e sua troupe.

Viajo no tempo e transito por espaços vários com os livros que me apro-  
ximam de contextos e condições diversas.

Mas os corpos frágeis, os corpos caídos, persistem.  
Covas, covas e mais covas...  
Tristeza.  
Morte.

# FIO

O corpo no chão  
O chão frio  
O chão da cova.

Corpos cansados, esvaídos de cor, destituídos de forças  
Esperanças enterradas nas tristezas do hoje  
A dor da angústia que vai e vem, na espera de um tempo que não se sabe  
quando será.

O fio que equilibra a esperança em um improvável amanhã balança, estica, estende, suspende  
Rompe.

Nos liames rotos do fio rompido residem fagulhas tênues, qual a luz intermitente de vagalumes a anunciar, timidamente, a possibilidade de alguma sutura.

Há algum resto de força nos corpos caídos para se deixarem afetar por essas fagulhas?

O que resta no corpo que cai?

Quanto resta de luz nos liames do fio roto de nosso amanhã?



**DE QUE  
VIDAS  
PODEMOS  
PRESCINDIR?**

O que nos resta?

O viver em tempos de pandemia nos confronta com o sentido da existência, de outros, de nós mesmos.

Para que vivemos?

“Crescei e multiplicai-vos”, diz o livro sagrado.

Crescei como? Multiplicai-vos até quando? Quanto?

Tem gente demais no planeta terra, é o que ouvimos de vozes críticas à expansão dos indicadores de natalidade. Uma pandemia, talvez para essas vozes, seja bem vinda, pois viria a diminuir números, travar excessos.

Simple assim?

Quem é demais neste planeta? Quem se espera que morra com a tragédia sanitária? Que humanos são dispensáveis? De que vidas podemos prescindir?

Humanos são demais, consomem demais, destroem demais. Humanos destroem outras formas de vida, violentam diferenças, subjagam outros humanos. Destroem a si mesmos. Como o fazem? Por que o fazem? Em benefício de quem? Em detrimento do quê?

Crescer, crescer, crescer...

Verbo conjugado na esteira do multiplicar.

Crescer como? Para onde? Em que sentido? Sobre quem?

Compramos, consumimos, desfrutamos, gozamos, destruimos. Deixamos alguns restos para que outros aproveitem, reciclem, restaurem, reutilizem e assim possam continuar a nos servir, a produzir aquilo que o vil metal ora esfumaçado permite comprar.

Vidas em segunda mão, precárias. Humanos de segunda classe? Terceira? Quarta, quinta...?

Alguns humanos se pensam mais humanos e são desumanos com quem não reconhecem como iguais.

Para que viver? O que fazemos de nossas vidas?

Os que se julgam mais humanos que a horda que os serve e da qual se servem, gozam de uma infância de brincadeiras e afetos; uma juventude de aventuras, com aceitação subjugada às escolhas consoantes com normativas que se perpetuam por séculos e séculos; uma vida adulta de trabalho e consolidação de família, pautada por horizontes de possíveis circunscritos pelos ideais do “crescei e multiplicai-vos”, os quais por sua vez são delimitados pelas condições de possibilidades que lhes arbitram suas próprias condições de classe social, gênero, sexualidade, raça, etnia, capacidades; e uma velhice marcada pelo que lhe foi possível a partir dessas mesmas condições.

E os outros? Os que sobrevivem dos restos que lhes são concedidos, uma concessão benevolente que os permite simplesmente continuar a reproduzir e produzir?

Não atendem ao aclamado uni-vos. Continuam suas lides na expectativa de um dia poderem vir a ser reconhecidos como humanos, de primeira classe, para então poderem... Comprar, consumir, desfrutar, gozar, destruir...

E o ciclo se mantém: consumir, construir, destruir, multiplicar, morrer; consumir, construir, destruir, multiplicar, morrer; consumir, construir, destruir...



A miséria de muitos a contrastar com a opulência de alguns poucos e a tranquilidade de outros tantos.

Armários abarrotados, comidas estocadas, lazer garantido com os recursos virtuais e conforto em níveis variados, a escrachar desigualdades para quem tem a comida no prato garantida somente um dia após o outro.

Enquanto restos restam, se acumulam, abarrotam silos, entopem lixões, engordam glutões, nas barbas da opulência proliferam vidas que por esses restos brigam, que se violentam em resposta à violência cotidiana da margem.

Vidas restos, cimento que concretiza vidas outras que a elas se sobrepõem.

Sobre Vidas.

**QUE  
IMPOR-  
TÂNCIAS  
O RISCO  
PRODUZ?**

# SOBRE CORPO, ESPÍRITO E ALÉM...

Do corpo que clama a um espírito candente.  
Do corpo que busca um lugar outro para se instalar.  
Do corpo que não pode estar com outros corpos, costumeiros, conhecidos.

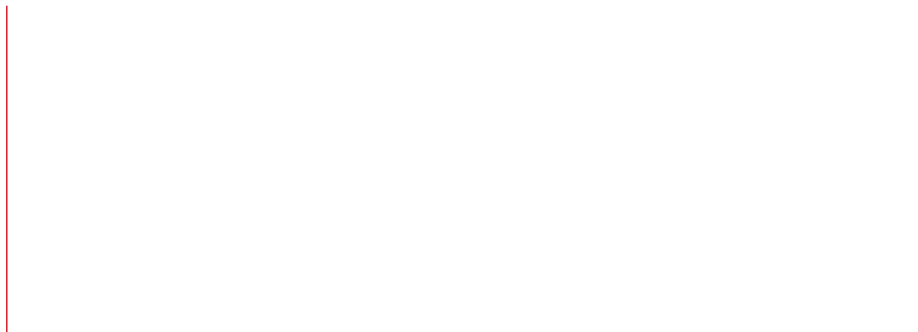
Esse corpo tensionado, estarecido, impaciente,  
Busca respostas para o não possível, para os calores dispersos, para a decadência  
em acelerado processo.

Não há o que possa ser feito, a não ser clamar por deuses imaginários.  
Orar por salvações divinas.  
Lamentar os projetos que não serão concretizados.

Mas o espírito invocado não é suficiente para acalmar o corpo, para evitar a des-  
truição das esperanças e fecundar alguma fissura.  
O espírito invocado não é suficiente para reconectar corpos dispersos.

Carece o corpo de um fio que o conecte a corpos outros, também dispersos,  
desorientados, interrompidos em suas trajetórias.

Há que se haver, esse corpo, com algum fio que o entretença com outros para,  
juntos, edificarem algum possível, arquitetarem alguma suspensão com as ilusões  
perdidas.



# A-MANHÃS (1)

AMANHÃ

A MANHÃ

A-MANHÃS

HÁ MANHÃS

HÁ AMANHÃS?

# A-MANHÃS [2]

Que será do amanhã?  
Quando será amanhã?

Tempo de espera que não se vislumbra findar  
Tempo de morte, presença indesejável, negada, inconveniente  
Tempo de um perecer-fantasma que inscreve em nossos corpos a frágil  
certeza da iminência de um porvir, de um fim não datado

Impostergável

Impedir o declínio e a finitude do corpo?  
Ilusão  
Adiar, talvez

Um hoje e amanhã possíveis evitam a morte em vida  
E talvez isso seja muito mais difícil...

# IMPORTÊNCIAS

Importância,  
Impotência,  
*Importências.*

Quando a vida está em risco?  
Quando a vida não está em risco?  
A vida de quem está em risco?  
Que vidas estão em risco?  
O que importa quando a vida está em risco?

Quanto risco risca nossas existências?  
Quantos riscos riscam nossas existências?  
Como se mede esses riscos?  
Que cor eles têm?  
Que comprimento?  
Espessura?  
Volume?  
Densidade?  
Profundidade?

Que cheiros o risco tem?

Que cheiro o risco da pandemia tem?  
Cheiro do ambiente hospitalar asséptico?  
Cheiro da morte que se avizinha?  
Cheiro acre do corpo putrefato?  
Cheiro imperceptível tal qual gás de cozinha que sorrateiro escapa e pode provocar uma explosão?  
Cheiro do medo que nos impõe distâncias?  
Cheiro da pressa que prefere se arriscar a esperar um desfecho não sabido?

Que sabor tem o risco da pandemia?

Variado, gestado na opulência que leva a experimentações gastronômicas e éticas, a deleites proporcionados pela mesa farta?

Equilibrado, conforme os ditames das dietas em profusão que alertam para benefícios e perigos alimentares para corpos sempre em risco?

Sabor de arroz, feijão e farinha temperados com o sal e azeite das cestas básicas recebidas em doação?

Como o medo, a cautela e a reclusão tem temperado os alimentos que alimentam corpos em pandemia?

Quanto risco o risco tem?

O que se faz e se deixa de fazer em razão do corpo contraído?

O que importa quando o corpo está em risco?

Que importâncias importam à potência do corpo?

Que *importâncias* o risco produz?

**QUANTOS  
RISCOS  
RISCAM  
NOSSAS  
EXISTÊNCIAS  
?**



# SOBRE POEMIAS

Poemias congrega escritos produzidos durante a pandemia do Coronavírus, evento que emergiu no final de 2019 e se alastrou rapidamente por todo o planeta. O tempo de recolhimento, resposta às medidas de isolamento social tomadas para minimizar a velocidade da propagação do vírus, foi se estendendo por dias e meses, marcado por tensões entre variadas vozes sociais: algumas afirmando a necessidade de sua dilatação, outras negando a gravidade sanitária e muitas, ainda, insistindo em retornar a uma normalidade que por certo não será como antes. Tempo tenso, de incertezas em relação ao presente e às possibilidades de futuro; tempo de olhar para o que historicamente se produziu como humanidade e contribuiu para o quadro atual de pandemia e suas implicações.

As afecções de meu corpo, que afloraram do encontro com corpos outros durante esse período, predominantemente mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação, foram o *leitmotiv* dos escritos aqui apresentados. Corpos conhecidos, próximos e distantes, cujo isolamento os distanciou fisicamente; corpos vivos, enfrentando desafios para a subsistência expressivamente maiores que os costumeiros. Corpos sem vida, a compor as estatísticas que cotidianamente se atualizavam e que tiveram como destino covas abertas às pressas, a lembrar expectadores/as da possibilidade de virem, quiçá, a ali habitarem em um futuro próximo.

Corpos em sua potência de vida, resistindo ao vírus, às violências virulentas, ao sofrimento inevitável que a situação inusitada produziu, foram intensificando suas forças e, paulatinamente, construindo modos de enfrentar as adversidades. Ninguém saiu ileso dessa pandemia.

Pessoas que contraíram o vírus e a ele sobreviveram são testemunhas das dores, do pavor, da impotência; uma condição que destituiu projetos, que assolou esperanças, que reassentou importâncias. Quem a evitou de todas as maneiras foi abalado por sentimentos de angústia, medo, desconfiança,

incertezas, raiva. Quem a negou, por mais histrionicamente que bradasse a necessidade de volta à normalidade desconsiderando apelos de cientistas, em algum momento teve que se haver com depoimentos de pessoas próximas, adoecidas, enlutadas, a abalar frágeis certezas. Quem impôs discursos negacionistas... Ahhhh... A essas pessoas a história se encarregará de julgar. Quiçá.

De todo modo, o que se viu com a pandemia do Covid-19 foi a disseminação vertiginosa de um corpo invisível a marcar, com variadas intensidades, todos os corpos, humanos e inumanos. Uma pandemia que produziu efeitos indesejados, que impactou a própria vida e o que em seu nome historicamente elegemos como importante. O vírus produziu *importências*.

Investi meu próprio corpo a perscrutar as afecções produzidas durante a pandemia, acreditando na potência dos bons encontros, mesmo em situações adversas. Investi na possibilidade de intensificar o conatus, como nos ensina Espinosa: na força para perseverar na existência, no “poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir-se e realizar-se plenamente” (PEIXOTO JUNIOR, 2009, p.372). De um bom encontro sempre se sai diferente, sempre se produz alguma diferença.

Bom encontro não é sinônimo, importante destacar, de felicidades, ainda que efêmeras, tão ao gosto de propaladas terapias que prometem alívio a baixo custo. De um bom encontro nunca se sai ileso, ainda que seja necessário por vezes esforço hercúleo para construir meios de dar vazão ao que ali fecundou. Um bom encontro, portanto, é potência de vida que nos sensibiliza, que nos coloca em movimento, ainda que de modo incerto e impreciso.

Um bom encontro pode ser compreendido, nessa perspectiva, como relação estética que abre caminhos para a atividade criadora, fundamental aos processos de reinvenção da própria existência, de sua transformação. Estética como relação, posto que conectiva: não reside em um objeto em si, em uma palavra, forma, gesto, imagem, expressão, nem em uma situação em si; somos sujeitos em relação, corpos em relação com outros corpos, presentes, ausentes, supostos, imaginados, invisíveis, imprevisíveis. E a atividade criadora é potência de todos e de qualquer corpo, pois tanto em grandes projetos como nas lides cotidianas, somos provocados e provoca-

das a responder a desafios, e o fazemos em diálogo e com a mediação das conquistas da coletividade anônima da qual somos partícipes.

Mas como pensar em bons encontros, em atividade criadora e potência de vida, se a pandemia trouxe à tona justamente o seu oposto, a iminência da morte? A fragilidade de nossos corpos frente a um tipo de vida outro, um vírus desconhecido, incontrolável, invisível a olhos nus, porém com força para abalar o que foi edificado como pilares da civilização?

À vida nua, e cruamente, esse vírus reduziu nossas existências, confrontando-nos com a fragilidade e a tragédia que nos define como humanos e que insistimos em negar. Como afirma Vigotski, “é trágica a nossa existência, o nascimento, a vida como se desenvolve, o nosso distanciamento de tudo, isolamento e solidão no universo, o deslocamento de um mundo desconhecido para o mundo conhecido com sua consequente entrega constante a esses dois mundos” (VIGOTSKI, 1999, p.3).

Um mundo desconhecido, com a pandemia, esteve cada vez mais próximo, a atormentar nossos sonhos, a abalar qualquer certeza, a provocar mudanças indesejadas, a regular passos, a afirmar distâncias, a pautar modos de vida e visibilizar a condição precária do humano, em sua inexorável dimensão relacional. Somos pessoas em relação, somos vidas em conexão com outras vidas, as quais não podemos controlar. O que vivemos hoje é resultado do que construímos e destruimos coletivamente ao longo dos anos, a cada dia.

Essas questões estiveram presentes e marcaram minhas possibilidades de criação durante a pandemia. Moveram meu corpo em direção a formas seculares de expressão, com as quais inscrevi afecções - amálgama de sentires, percepções e pensares que emergiram do encontro com corpos outros - em superfícies que se apresentavam inicialmente sem cor, apáticas, inexpressivas, como telas suportes para tintas e a tela branca do computador. Como o anverso é constitutivo da situação vivida, assim como de qualquer condição, vi nessas superfícies a abertura ao acolhimento de cores, formas e de forças, condensadas em palavras e imagens.

As escritas que ora apresento são parte dessa produção. As poeimas foram produzidas em diversos momentos, muitas delas no diálogo com as

palavras que circulavam nos encontros do Ge-Arte curadoria. Alguns escritos são, por conseguinte, contrapalavras às palavras de pessoas queridas que compartilhavam semanalmente, em encontros virtuais, suas próprias angústias e impressões, balizadas pela perspectiva de construção de um trabalho em arte que viesse a dar vazão a esses sentimentos e, fundamentalmente, no meu entender, contribuísse para sua transformação.

Outras situações provocavam a escrita: uma notícia, a leitura de um poema, uma imagem que se imprimia tal qual decalque em meus pensamentos, a provocar a imperiosa necessidade de deslocá-la. Palavras e imagens emergiram, assim, como dispositivos a alavancar esse deslocamento, e a tela em branco do computador se apresentou como um dos suportes para essa colagemFusão de palavras/imagens próprias e alheias.

Como respostas às angústias várias que ouvia, e que me acometiam, para a escrita das poemias recolhi palavras aqui e ali e as conectei com outras, constituindo narrativas do vivido, nessa bricolagem, durante o período de isolamento social. No ritmo dos acontecimentos, distantes e próximos, cada um desses escritos traz as marcas de distâncias, de incertezas e de inquietações. Pulsações intensas se amalgamam às palavras, tal qual rítonello; registros de um denso processo de criação erigido com as afecções, as angústias e as tristezas que retornavam dia após dia, entremeadas com as tentativas de sua superação e a expectativa de um desenrolar dos acontecimentos em ritmo e direção diferentes do que assistia.

Refiro-me aqui como distantes, a princípio, as notícias da pandemia e seus desdobramentos. Por mais que resistisse, que procurasse desviar meu corpo para outras direções e afazeres, não conseguia deixar de ler. Vasculhava assim que acordava, seja no clarear do dia, seja no intervalo malquisto do sono que interrompia o descanso em meio à madrugada, por palavras que me localizassem em relação aos acontecimentos próximos e em lugares longínquos com os quais estabeleci relações de afeto. O celular logo ali, na mesa de cabeceira, possibilitava a conexão imediata com notícias e dados estatísticos sobre os números do contágio e de mortes em um simples movimento dos dedos sobre a tela.

Essa possibilidade me perseguia durante o dia, seduzindo-me a voltar os olhos às páginas consultadas. Nem que fosse para uma simples espiadela,

rápida, ligeira, supostamente despreziosa. Assombro com os números que cresciam vertiginosamente, por vezes em velocidade menor que o previsto por epidemiologistas, porém em ritmo suficiente para, considerando o acúmulo progressivo, apavorar. Quando o número de mil mortos por dia chegaria? Quando as notícias de vidas perdidas chegariam ao círculo de pessoas próximas? Quando veria algum sinal de condolência por parte de autoridades para com as vidas perdidas e o sofrimento de familiares e pessoas próximas? Quando o país chegaria à marca de 100 mil mortos, projetada por cientistas em março de 2020 e desacreditada em cadeia nacional?

Tensões de forças se faziam presentes nas notícias lidas, nos comentários de pessoas próximas, em meu próprio corpo, e se apresentam nos escritos que compõem este livro. Estavam e continuam a pedir passagem, insistentemente, e foi amalgamando-as a palavras que a essas forças pude dar vazão. Não para que as tensões deixassem de existir - não me iludo com possibilidades fáceis, com soluções simples, com consensos aparentes. Mas para poder vê-las de um lugar outro, para me ver como outra em relação ao caos vigente, o qual não se deixa capturar por qualquer previsão ligeira de finitude ou de um amanhã redentor. Afinal, “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico”, como nos ensina Bakhtin (2003, p.410).

A pandemia inscreveu em nossos corpos urgências de variadas ordens. E talvez o tempo - um grande tempo, adensado pelo exercício da problematização constante e pela compreensão de nossa condição axiológica no mundo - possa nos dizer, com os efeitos que emergiram de nossas ações e silêncios, se respondemos bem a essas exigências.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. *Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa*. Fractal, Rev. Psicol., Ago 2009, vol.21, no.2, p.371-385.

VIGOTSKI, Lev S. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Poemia é poema em tempos de pandemia  
Com um i a perturbar a pasmaceira cotidiana  
Com um i a confrontar supostos sabidos, a distorcer entendimentos, a  
fazer saltar aos olhos contundentes sentidos.

Em minúsculo, o i é uma vela a velar as vidas perdidas pelo coronavírus.

Durante a pandemia, colecionei alguns is que circularam com intensidade...

Uma lista inconclusa, um convite à inclusão de outros i i i i i i i  
i i i i isss que visibilizem as ignorâncias intolerantes que desviaram atenções, obnubilaram políticas de enfrentamento à pandemia, produziram milhares de mortos, assolaram esperanças.

Um convite à inclusão também de i i i i isss que mantenham acesas as velas pelas vidas tolhidas, pelas mortes que poderiam ter sido evitadas se a imbecilidade, a imprudência e a imprecaução tivessem sido contidas em tempo.

ignorância intromissão inversão inconsequência imperfeição intransigência  
imbecilidade inadequação imprecaução  
improdutivo inesperado imperioso indigno  
intolerância insuportável inenarrável imperdoável  
inumano imbecil insuficiente insumo inimaginável incomensurável irritante  
intenso instintivo inteligente indigente indignação  
incômodo imprevisto inacabado imperceptível inconcebível incompreensível  
inadmissível instável inconcluso i.....

i

i

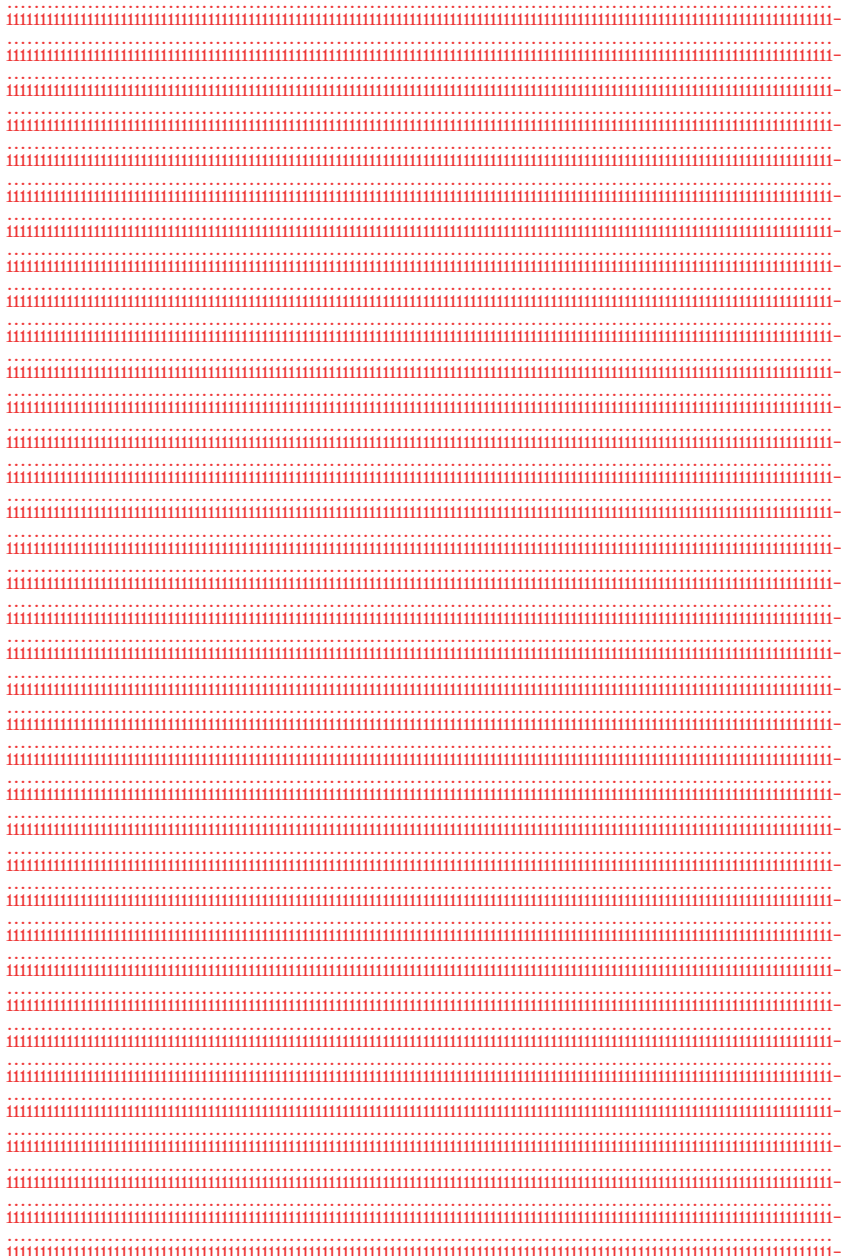
Em 15/03/2020 o Brasil registrou oficialmente a primeira morte por Covid no país. Um homem de 62 anos, residente na zona sul da cidade de São Paulo. Horas depois a informação foi retificada: a primeira morte pelo vírus ocorreu em 23/01, uma mulher de 75 anos, residente em Minas Gerais.

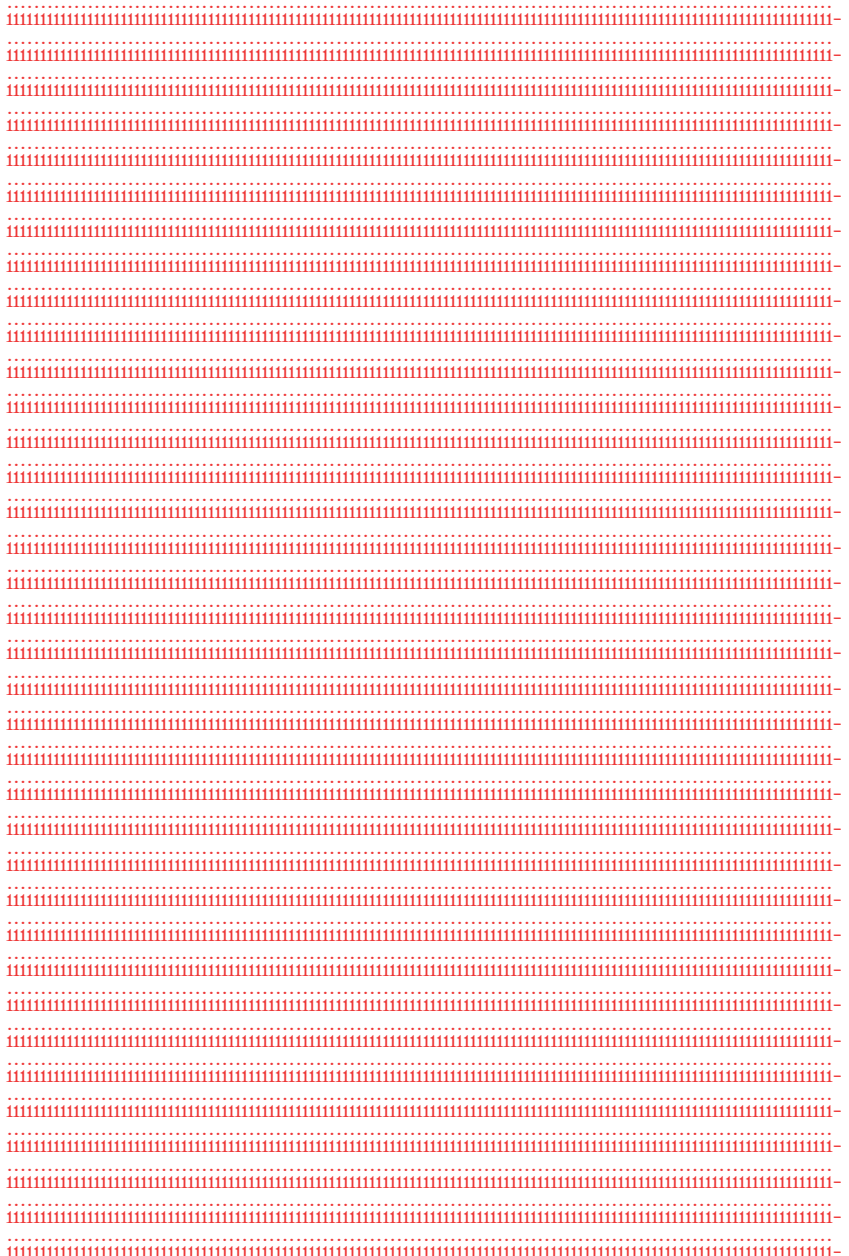
As i-velas aqui acesas rendem homenagem a essas pessoas e a todas que morreram nos dias e meses seguintes, tolhidas pelo vírus e pela insensibilidade das autoridades governamentais, alheias aos apelos da ciência.



19/05/2020 foi o primeiro dia em que o Brasil superou a marca das centenas de vidas tolhidas pela pandemia em um único dia. O primeiro milhar. As i-velas aqui acesas rendem homenagem a essas pessoas, às que morreram em dias anteriores, bem como às milhares de outras vidas perdidas nos dias e meses seguintes...









Em 09/05/2020 o Brasil registrou oficialmente 10627 óbitos por Covid-19. Foi o primeiro dia em que superou a marca de 10 milhares de vidas tolhidas pela pandemia.

As i-velas aqui acesas rendem homenagem a essas pessoas e a todas que morreram em dias anteriores, bem como as outras pessoas cujas vidas foram tolhidas pelo vírus, pelo descaso de expressiva parcela da população e pela insensibilidade das autoridades governamentais...

## **Andrea V Zanella**

Andréa Vieira Zanella é professora titular aposentada e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Escritora e artista visual, publicou os livros *ArteUrbe: jovens, oficinas estéticas e cidade* (Appris, 2020), *Entre Galerias e Museus: diálogos metodológicos no encontro da arte com a ciência e a vida* (Pedro & João, 2017), *Perguntar, Registrar, Escrever: inquietações metodológicas* (Sulina/Ed. da UFRGS, 2013), entre outros. Organizou várias coletâneas, sendo a mais recente *Arte e Cidade, Memória e Experiência* (EdUFPI, 2020).

**Autora**

Andrea V Zanella

**Projeto gráfico e diagramação**

Kamilla Nunes

**Revisão**

Patricia Galelli

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Zanella, Andrea V.

Poemas [livro eletrônico] / Andrea V. Zanella. --  
Florianópolis, SC : CAIS Editora, 2020.  
PDF

ISBN 978-65-992552-1-2

1. Arte 2. Poesia brasileira I. Título.

20-45859

CDD-869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte e poesia : Literatura brasileira 869.1  
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**QUANDO  
SERÁ  
AMANHÃ?**